

Fátima + ALTAR DO MUNDO

OFERTA

N.º 3

SUPLEMENTO INFORMATIVO

1953

PUBLICAÇÃO MENSAL - Director da Obra: DR. JOÃO AMEAL

Propr., Edit. e Admin.: «OCIDENTAL EDITORA»-R. Duque de Loulé, 35-PORTO

Em plena consciência das responsabilidades que assumimos ao fazê-lo, aqui

queremos afirmar uma vez mais que a edição de FÁTIMA-ALTAR DO MUNDO não visa fins de natureza material.

Evidentemente, a execução da obra exige, para efectivar-se com a segurança, a dignidade e a altura que são mister, a montagem de toda uma complexa e delicada organização, implicando encargos materiais a que há que fazer face. Mas só na medida em que esses encargos o impõem, há no empreendimento alguma preocupação de ordem material. E mesmo aí se vai fazendo sentir, cada vez mais claramente, o reflexo do alto objectivo espiritual que a edição tem em vista. Nos nossos serviços internos vamos de preferência dando ocupação aos filhos mais novos de famílias humildes que, tendo concluído a quarta classe de instrução primária, procuram onde ganhar experiência e ajudar a ganhar o pão dos seus. É este já um primeiro acto de bem fazer que do aspecto material do nosso empreendimento resulta.

Não é, porém, esta modesta finalidade o objectivo mais alto e último da edição de FÁTIMA-ALTAR DO MUNDO. É, sim, nosso objectivo, num mundo inquieto e torturado por ansiedades e faltas de certezas, divulgar entre os homens desentendidos a mensagem do Céu para estabelecimento da tranquilidade e da paz na Terra. É nosso objectivo tornar de todos conhecida a mensagem da Virgem aos homens do nosso pobre século que, esquecido dos únicos valores estáveis — os valores do espírito — se per-



UMA OBRA - UM OBJECTIVO

deu na floresta escura das tentativas políticas e das hipóteses filosóficas, onde não brilha o sol da Verdade, porque não há verdade longe de Deus, e

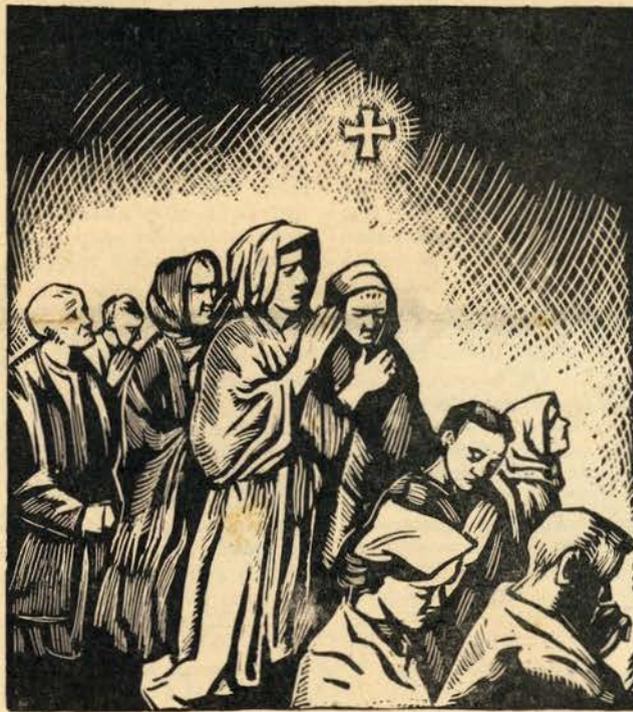
permita, procuraremos realizar obra cristã de aberturas de clareiras espirituais e morais; acender esperança e fé nos corações indiferentes; procura-

da edição e o concurso de colaboradores que constituem verdadeira elite do pensamento contemporâneo; isso garante que a obra estará à altura do maravilhoso e sagrado tema que versa — o mais belo da História Espiritual Portuguesa. Temos assegurada a encantadora solicitude de quem tomou a seu cargo o fornecimento de papel e a execução das autênticas obras de arte que são as gravuras que esmaltam o texto. Temos assegurada a distribuição regular dos fascículos, com a garantia da execução a tempo e horas do perfeito trabalho tipográfico dos dedicadíssimos colaboradores das oficinas. Temos assegurado o melhor espírito de quantos, dentro desta equipa de boas vontades, se propõem ajudar a erguer uma obra de muitos que ficará como monumento de fé e monumento gráfico.

Quanto aos nossos queridos Assinantes, cujas cartas e postais de pedido de inscrição continuam a chegar aos nossos escritórios em ritmo consolador, queremos dizer-lhes duas palavras: a primeira de agradecimento; a segunda, de apelo, para que nos arranjem um novo Assinante. Sem dúvida, quem subscreveu a assinatura da obra prestou à causa da divulgação da mensagem de Fátima o seu precioso concurso; mas pode mais amplamente servir o alto objectivo que também a si se impôs, colaborando connosco no alargamento da difusão da obra: fá-lo-à, correspondendo ao nosso apelo — obtendo-nos uma nova assinatura entre as pessoas das suas relações.

É com Fé e com Esperança

(Continua na 6.ª página)



a Deus há que regressar para encontrá-la e ver alumados os caminhos da Terra. Pretendemos historiar como a percorrer esses caminhos desceu a Rainha do Céu, para com Seus passos guiar os nossos para uma vida de Verdade, de Paz e de Amor.

Com o remanescente dos encargos materiais da edição, procuraremos exemplificar o espírito da própria mensagem de Fátima — da mensagem de Amor entre os homens, porque só no Amor pode fundar-se a Paz. Com esse remanescente, e na medida em que ele o

remos acender lareiras espiritualmente apagadas, aquecer corações desalentados, despertar até onde pudermos a felicidade da alegria de viver; procuraremos, na medida das nossas forças, contribuir para um mundo melhor.

É este o real e alto objectivo da edição FÁTIMA-ALTAR DO MUNDO. Por ele e ao serviço dele, solicitamos o apoio e o auxílio não de alguns, não mesmo de muitos, mas de todos. Também neste caso, todos não somos demais.

Está assegurado, graças a Deus, uma superior direcção

ROMAGEM

À COVA DA IRIA

Notas e impressões

A jornada de Fátima, realizada pelo pessoal da «Occidental Editora» em 13 de Outubro próximo passado, e de que demos uma breve notícia no último número deste «Suplemento», deixou ficar no espírito dos que nela participaram, e muitos ali foram pela vez primeira, imperecíveis recordações.

Levou-nos à Cova da Iria uma intenção devocionária, de reconhecimento pelos benefícios e protecção concedidos à nossa Obra, e também o propósito de pedirmos à Virgem que continue a dispensar ao nosso trabalho, à sua expansão e bom acolhimento, o seu valioso e meritório auxílio.

Tudo isto, que é simples e compreensível, já foi dito, mas nada se perde em repeti-lo. Com efeito, tratando-se duma jornada espiritual, e talvez por isso mesmo, ela proporcionou aos jornadeantes horas de verdadeiro e encantador recreio, dando-lhes uma visão inédita dos factos e das coisas, desconhecidas da maioria deles.

✽

Sáramos cedo do Porto. Não precisamente à hora convencionada, visto que o motorista, habituado a excursionistas retardatários, decidiu aparecer... com trinta minutos de atraso. Houve ainda que ornamentar o veículo, apondo-lhe as faixas e os cartazes de identificação, e só quando essa tarefa se concluiu, e que todos se deram por arrumados nos seus lugares, é que nos pusemos a caminho.

✽

A camioneta corria em marcha veloz parecendo que estava disposta a dar boa conta de si; e à hora calculada, sem diferença que se visse, entrávamos em Coimbra, tomando rumo direito para a velha e clássica Universidade. Essa, a nossa primeira derivante turística. Na «Coimbra-Doutora» era forçoso mostrar aos «ignorantes» o secular monumento donde têm saído, em todas as épocas, as celebridades que se distinguiram na orientação dos negócios públicos — no Governo do país.

Havia porém que apressar a visita, visto que o tempo nos escasseava; contudo pôde ver-se ainda o essencial, inclusive os novos edifícios universitários, de moderna e aparatosa arquitectura, os quais, na sua imponência e esplendor, formam um conjunto homogéneo e harmónico cujo efeito só sobressairá, com relevo correspondente, quando estiverem concluídos, e a fachada citadina que os circunda fôr devidamente urbanizada.

Melhor e mais belo que tudo isso é a paisagem que se disfruta do largo recinto da Universidade. Ao fundo, a cidade, erguida em anfiteatro, com os largos panoramas do Mondego, o

Choupal dolente e romântico, e, ao longe, os campos e terras fezzes, duma suavidade que empolga e enternece. Descemos rápidos, com pena de não ouvir a cabra; mas as aulas estavam fechadas, a ciência infusa dos mestres ainda não começara a ser ministrada. A Academia estava ausente — ou dormia. Muitos lamentaram-se, por não verem os «sacas de carvão» ou os «capas negras», aspirantes a doutores. Mas esses, pronto se resignaram lembrando-se que não saíramos do Porto, para uma velada estudantil — mas sim com destino à montanha sagrada de Fátima!

Na baixa houve que fazer uma paragem rápida — para o desjejum matinal do pequeno almoço. E, compostos os estômagos, a «marcha para a frente» continuou, desta vez a caminho de Leiria, onde se chegou sem novidade e sem alteração sensível de horário. Nada havia que fazer na velha cidade do Liz. Mas o homem pão e Deus dispõe! Depois de subirmos uma artéria íngreme, para tomarmos a estrada da Marinha Grande, os rodados da camioneta aqueceram, esfumando alarmantemente. Paragem forçada. O motorista não resolveu pelos seus próprios meios o desconcerto; e foi preciso chamar o mecânico. Este reparou a avaria de modo a persuadir-nos que podíamos seguir sem novidade; mas esta reapareceu, em breve, forçando-nos a uma marcha cautelosa até à Marinha Grande, onde houve que «istoriar o veículo, mais, repará-lo dos «estragos graves» que o forçaram a claudicar do arranco inicial. O programa traçado tinha e teve que sofrer delongas. Perdemos quase duas horas nessa vila alegre — capital do vidro — e alguns dos nossos rapazes, ou eles não sejam levadinhos da breca — para matarem o tempo, tiveram a má lembrança duns pequenos treinos ciclistas, diversão que havia de ser desagradável para um dos «azes do pedal», o qual, no seu entusiasmo de corredor, a única vitória que obteve... foi um trambolhão, com ligeiras arranhaduras, felizmente.

Tínhamos o almoço combinado para Alcobaça. Mas, com o percalço da avaria, quando lá chegaríamos?

Como dos fracos não reza a história, tomamos uma atitude heróica, avisando para o hotel que chegaríamos atrasados. E quando o rodado foi dado como pronto retomamos a jornada,

passando ainda, não como desejaríamos mas como as circunstâncias permitiram, pela Nazaré — praia de pescadores, dum tipismo e duma beleza surpreendente. Paragem brevíssima, para admirarmos a encantadora praia que se estende a dominar o areal, e o mar imenso, que se perde na linha do horizonte. Na parte alta da vila, miradouro incomparável, fixámos os mais curiosos pormenores da história e da lenda desse local privilegiado — um dos quais está documentado na capelinha da «Memória», que assinala o feito do cavaleiro D. Fuas Roupinho, suspenso com o seu cavalo à beira do abismo, graças à intervenção protectora de Nossa Senhora.

O diabo fora vencido — e o vassallo fiel do nosso primeiro rei saiu triunfante da trega armadilha do anjo mau!

✽

Demandámos Alcobaça, às 16 horas! Não havia tempo a perder. Entre os viajeiros havia quem sentisse sofreguidões estomocais. O almoço, que bem podia chamar-se jantar, foi servido rapidamente, melhor, foi comido com satisfação e volúpia. Viu-se que não houvera perdas de apetite.

Para aproveitar o resto da tarde, realizou-se uma visita relâmpago ao Mosteiro, com breves explicações sobre a arte e a história do monumento. É ali que repousam as personagens régias do grande «Desvairo» — D. Pedro I e a linda Inês, que depois de morta foi rainha...

Concluída essa rápida digressão, já com as primeiras sombras do crepúsculo, tomamos o rumo da Cova da Iria sem qualquer paragem, chegando ali noite fechada. Arrumámo-nos como foi possível, e em conjunto, tomámos parte na velada nocturna, assistindo e participando em todos os actos religiosos, sem exclusão da Procissão de Velas, espectáculo de inolvidável e suprema espiritualidade. Foi ali que ouvimos o Padre Lombardi pregar a doutrina do Manifesto do Santo Padre para um mundo melhor, mais justo, mais santo, mais cristão. Ouvilo-ão os que podem fazer alguma coisa de decisivo em prol dessa cruzada de resgate?!

Que Deus se amerceie desta pobre Humanidade e que a Virgem do Rosário proteja os Povos, do flagelo dos ódios e dos egoísmos, que dir-se-ia semearem entre eles gérmenes da mais temerosa dissolução moral e material.

A madrugada foi agreste.

Choveu copiosamente. Só a devoção dos peregrinos se manteve com indefectível perseverança. E o dia não despontou sob melhores auspícios. A terra continuava a alargar-se, obrigando a simplificar, ou antes a apressar as cerimónias religiosas, que aliás se celebraram rigorosamente, perante a fé e a esperança dos milhares de crentes.

E logo em seguida a inevitável debandada. Também nós iniciámos a marcha de regresso, descendo a montanha em direcção à Batalha. A jóia maravilhosa que o Mestre de Avis mandou construir para memorar a vitória de Aljubarrota, que consolidou a independência pátria, foi visitada pela nossa gente. Um dos rapazes da caravana na sua ingenuidade compreensível, depois de ouvir uma breve explicação sobre a história do monumento, fez-nos uma pergunta estarrecidora!

— Aonde ficam as ruínas de Aljubarrota?

Desvanecemos-lhe a confusão, parecendo-nos que o deixámos convencido. Mas não nos surpreendeu a ideia que o rapazinho fazia do facto guerreiro que suscitara a sua curiosidade. A última guerra deixou, além das ruínas morais, as mais deploráveis ruínas materiais. E ainda hoje se diz as «ruínas de Berlim», as ruínas de tal e a tal. O jovem, não considerando a diferença de datas e as armas de guerra pensou talvez que as batalhas daquela época se travavam nas cidades — e não em campo aberto. É certo que os cercos e assaltos de Santarém e de Lisboa produziram destruições de monta. Mas não foi o caso de Aljubarrota. Aqui o que dominou foi o número dos mortos e feridos, o empapamento dos terrenos pelo sangue dos que caíram na luta — e já não foi pouco. Ruínas materiais, em tal descampado, não podia haver.

✽

Estamos em Leiria — onde almoçámos. A gente da caravana mostrava óptima disposição e magnífico apetite. Seguimos depois para a Figueira, onde estacionámos por uma hora, suportando a chuva que caía, e retomando a marcha para Aveiro, onde praticamente a romagem se concluiu, com um jantar de confraternização. No fim do repasto o director da viagem, num improviso justificado fez uma lição magistral sobre o significado moral e social da jornada, lição que decerto a nossa gente não esquecerá.

Finalmente, cerca da meia noite, entrávamos no Porto. Era tempo de voltarmos às nossas casas, o espírito aquecido e grato pelo prazer espiritual que a viagem nos proporcionara.

O Relator do Serviço



Expedição e cobrança



Com vista aos funcionários dos C. T. T. — a sua boa vontade e espírito de colaboração

É com o maior prazer que queremos dar público testemunho do nosso mais sincero reconhecimento pelas atenções que, duma maneira geral, eles nos têm dispensado, no que respeita aos serviços que desempenham e aos preciosos auxílios que nos vêm prestando.

A sua colaboração, quanto à entrega e à cobrança da nossa Obra — *Fátima — Altar do Mundo* — tem-se revelado eficientes sob todos os aspectos, chegando a ponto de nos indicar o nome e morada dos Assinantes sempre que estes mudam de residência. A perfeição dos serviços do C. T. T. é admirável, sem excluir o que há nessas informações oportuníssimas, de boa-vontade e de amabilidade.

Essa amabilidade, que em extremo nos desvanece, e a que manifestamos, como nos cumpre, franca gratidão, abrange também o serviço de cobrança, pois em muitos casos são os referidos funcionários que promovem o recebimento das assinaturas, fornecendo-nos também indicações precisas e muito práticas sobre as datas da conveniente expedição de recibos.

Muito desejaríamos que as palavras que acima escrevemos, dissessem respeito a todos os funcionários da C. T. T.

É com mágoa, porém, que temos de reconhecer, e de anotar, que algumas excepções há, visto que em certos casos, poucos aliás, não se verifica o zelo e a dedicação que distingue os seus colegas a quem já prestamos homenagem. Supomos no entanto que essas excepções se tornam de cada vez em

menor quantidade, até ao seu desaparecimento completo. Não descremos do sentido profissional dos empregados dos C. T. T., do seu brio, da sua amabilidade e da sua simpatia. E porque temos provas da magnífica disposição desses funcionários, é que apelamos para os raros que constituem as excepções aludidas, certos de que eles ouvirão as nossas palavras e se integrarão dentro da regra, que é modelar. Entendido, não é verdade?

Nos nossos escritórios temos recebido vários fascículos da nossa Obra devolvidos pelos Assinantes por lhes terem sido entregues rasgados, amarrotados, sujos, com marcas de dedadas nas folhas.

Evidentemente que este estado de coisas só pode atribuir-se ao serviço de expedição e entrega dos C. T. T. Temos, a tal respeito, elementos objectivos, queixas precisas, concretizadas, que nos tem sido formuladas por alguns Assinantes. Mas estamos convencidos que essas anomalias cessarão, como não pode deixar de ser, evitando-nos portanto aquelas reclamações legítimas, a quem de direito.

AOS NOSSOS QUERIDOS ASSINANTES

Chamamos a atenção dos nossos queridos e prezados Assinantes para os seguintes pontos que devem ser considerados como indispensáveis para a boa regularização dos nossos serviços e para sua própria conveniência.

— A cobrança dos fascículos da Obra é efectuada unicamente através dos correios. Escolhemos esta modalidade pelos seguintes motivos:

segurança para o Assinante, que assim pode ficar com a certeza de que a importância correspondente à cobrança efectuada nos será entregue, visto que ela é feita por título registado; por comodidade do Assinan-

te, por isso que o sistema oferece um certo prazo, e, portanto, torna mais fácil o pagamento da assinatura.

Além do que fica dito, os prezados Assinantes podem igualmente, se assim o entenderem, enviá-los directamente, pelo correio, em selos ou por carta registada as importâncias de que sejam devedores. Sallentamos, para perfeita compreensão do assunto e boa regularidade dos nossos serviços, que estas são as ÚNICAS modalidades de pagamento e que nenhuma outra deve ser utilizada, por precária e falível.

Ao insistirmos neste ponto, duma forma acentuadamente precisa e objectiva, temos em vista a defesa dos interesses recíprocos dos Assinantes e de nós próprios.

A cobrança é efectuada, normalmente, alguns dias depois do envio dos fascículos. Mas nunca enviamos a cobrança mais do que um recibo por mês.

Aos Assinantes que, por qualquer motivo, encontrem vantagem em efectuar o pagamento em data marcada ou em local diferente do indicado para o envio dos fascículos, é conveniente, para serem atendidos, que nos enviem instruções claras em tal sentido.

Nos chamados meses de férias — meses mortos — alguns Assinantes deixaram de satisfazer o pagamento dos recibos. Atribuímos o facto a ausência natural, e escrevemos-lhes, individualmente, solicitando e regularização do pagamento pela forma que se lhes afigurasse mais prática e eficaz. Esperamos que todos esses assinantes correspondam ao apelo que lhes dirigimos, compreendendo e evitando-nos, as dificuldades em que o atraso no pagamento desses recibos nos coloca.

Sempre que os senhores Assi-

nantes mudem de residência é favor que nos participem a nova morada e a morada antiga, para que a regular entrega dos fascículos não seja perturbada.

E como o serviço de expedição e entrega dos fascículos é dos mais importantes numa organização editorial como a nossa, vamos, para melhor orientação dos prezados assinantes, informá-los quanto às obrigações que competem aos carteiros, no que respeita ao serviço de cobrança.

Segundo a nota esclarecedora que nos foi fornecida pelos Serviços dos C. T. T. as obrigações dos referidos funcionários postais (carteiros) são as seguintes:

«Os carteiros apresentam os recibos duas vezes à cobrança, no primeiro e último dia do prazo.

No verso dos recibos é obrigatória a anotação das datas de apresentação e motivos de não cobrança.

O aviso é passado após a primeira apresentação, no caso do destinatário se encontrar ausente.

O prazo de pagamento que deve ser indicado no aviso é de cinco dias».

Se, depois do que se expõe, os nossos prezados Assinantes tiverem qualquer motivo de reclamação sobre o não cumprimento das obrigações transcritas, muito agradecemos que no-lo participem por escrito, o mesmo devendo fazer se porventura verificarem irregularidade na entrega dos fascículos.

Pensamos que todos compreenderão as normas que por este modo fixamos, visto que da sua observância resultará o equilíbrio e a perfeição dos nossos serviços, e a satisfação completa dos nossos deveres para com os nossos queridos amigos e Assinantes.

PLANO DA OBRA «FÁTIMA ALTAR DO MUNDO»

A OCIDENTAL EDITORA, ao abalançar-se à empresa de editar para o grande público uma obra completa sobre os transcendentais acontecimentos de Fátima, não podia, evidentemente, fazer obra de acaso.

Era uma questão de dignidade própria, uma questão de respeito para com o público, e, acima de tudo, uma questão de respeito para com o elevado tema versado. Por isso se principiou, naturalmente, pela elaboração dum plano, que está sendo levado a cabo

com fidelidade e com regularidade.

Calculando que alguns dos nossos Assinantes, por explicável ansiedade, estejam desajustados de saber quando se entrará na história das Aparições, aqui deixamos os seguintes esclarecimentos acerca do plano dos trabalhos:

Com o fascículo respeitante a Novembro, entrou a obra no último capítulo do 1.º volume — SANTA MARIA, NA ARTE PORTUGUESA.

E' autor do texto deste último capítulo o crítico de arte

e DIRECTOR DO MUSEU MACHADO DE CASTRO de Coimbra, Sr. LUÍS REIS SANTOS, a cuja pena se devem alguns dos mais valiosos trabalhos literários ultimamente publicados no nosso país, sobre matéria de Arte. E não será dos menos valiosos, de «FÁTIMA ALTAR DO MUNDO», este notável estudo que ficará concluído com mais dois ou três fascículos, e com o qual, como dizemos, fecha o 1.º volume.

O 2.º e o 3.º volume serão totalmente consagrados a historiar os acontecimentos de

Fátima, tratando o assunto exaustivamente sob todos os aspectos. A partir pois, dos primeiros fascículos de 1954, chegará o momento, de acordo com o plano de trabalhos da Obra, de principiar a demonstrar aos nossos Assinantes e ao público em geral, como a parte histórica da edição é em tudo — na seriedade da exposição, na meticulosidade da investigação, no aproveitamento do pormenor e na apreciação crítica dos factos — digna do assunto versado e precisamente em conformidade com aquilo

(Continua na 6.ª página)



CERTEZA DE FÁTIMA

Tal como no Brasil, que a Virgem Peregrina tem atravessado de lés a lés e sempre entre as mais espantosas manifestações de fé, também na Argentina, na Venezuela e noutros países do continente americano as populações se movimentam ao encontro de celestial visitante—a Rainha do Céu, agora pelos caminhos da Terra, na Sua divina missão de paz e renovação espiritual dos povos.

Já noutra local falámos do que acaba de passar-se em Peranaíba, a última localidade do Brasil visitada pela Imagem de Nossa Senhora de Fátima. Agora, segundo notícias telegráficas recebidas de Buenos Aires, é a cidade argentina de Gonzalez Chaves que nos dá idêntico exemplo de fé, que bem reflecte os sentimentos católicos da sua população.

Diz o telegrama de onde extraímos a informação que a Imagem chegou ali de avião e foi conduzida processionalmente entre súplicas, cânticos e louvores para o maior templo da cidade onde era esperada e foi venerada por milhares de pessoas, muitas das quais se deslocaram de grandes distâncias. No mesmo dia, outro tele-

Num congresso internacional recentemente havido na Europa os dois delegados portugueses acharam descaído o entusiasmo com que o delegado russo batia palmas sempre que alguém pronunciava o nome de Estaline. Era, como os seus compatriotas normalmente enviados da Rússia para participarem em assembleias internacionais, um comunista truculento, sempre atento a confessar e a prègar a sua ideologia vermelha e a boicotar propostas ou discussões de menos interesse para Moscovo. Todos os delegados compartilharam dos sentimentos de estranheza dos portugueses e viram no rumo um indivíduo pouco desejável e sobretudo pouco equilibrado naquele zelo de passar a sessões a dar palmas ao nome do ditador moscovita.

Um dia, porém, encontrando-se a sós com os nossos compatriotas, o delegado russo tomou uma atitude completa-

grama anunciava que a colónia portuguesa da Venezuela vai oferecer um altar e uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, que irá expressamente de Portugal, onde será benzida, para a igreja de Punto Fijo.

Pelas notícias que chegam diariamente de todos os cantos do mundo, vê-se que o acontecimento maravilhoso de 13 de Maio de 1917, circunscrito primeiro ao plaino agreste da Cova da Iria e depois alastrou por toda a terra de Portugal, venceu já as fronteiras de todas as nações. Assim, ultrapassando essas fronteiras, vencendo as consciências dos homens, Fátima já não nos pertence. Na expressão magnífica da sua mensagem, a certeza de Fátima tornou-se universal; e a Cova da Iria é hoje, sem dúvida, neste canto do ocidente europeu o verdadeiro Altar do Mundo.

Palmas e Lágrimas

mente diferente. Dirigiu-se-lhes delicada e quase carinhosamente. E monologou, ao fim de certo tempo de conversa:

—Portugal! a terra de Nossa Senhora de Fátima!

—Mas o sr. conhece Fátima!? interrogou, pasmado, um dos portugueses.

E o russo segredou-lhes, num cicio, com os olhos postos no céu:

—Sim, conheço, Fátima. E ainda um dia hei-de lá ir! Não sei como, nem quando, mas hei-de lá ir, ajoelhar no Santuário e pedir, chorando, à Virgem, para salvar o meu país!

Ao terminar esta espantosa confidência, o delegado russo tinha lágrimas a correr-lhe dos olhos. Era afinal um católico disfarçado de comunista, para não ser esmagado pelo maquinismo anti-religioso russo. Em seu coração, continuava ardendo o calor da Fé. E toda a sua esperança residia — e reside — em que Nossa Senhora de Fátima salve a Rússia.

Não podemos evidentemente, revelar aqui os nomes dos delegados portugueses que contaram o caso, nem referir qual o congresso ou o país em que ele se passou. Isso permitiria identificar o pobre católico russo disfarçado de comunista, e o menos que lhe custaria seria a vida. Mas podemos dizer que se trata de dois nomes portugueses que o país inteiro conhece, tanto pelo seu talento como pela sua honradez.

LER NO PRÓXIMO NÚMERO

UMA ESPANTOSA REVELAÇÃO:

A IMAGEM DA VIRGEM PEREGRINA ESTEVE NA PRAÇA VERMELHA DE MOSCOVO!

Esses dois portugueses confraternizaram, nesse dia, discretamente, com o delegado russo que batia palmas a Estaline, na ânsia de lhe darem uma oportunidade de vir a Portugal pedir a Nossa Senhora de Fátima que salve a Rússia do bolchevismo.

Palmas e lágrimas—a vida, afinal, a vida torturada dos mártires dos nossos dias, que Fátima há-de redimir e salvar.

Este Suplemento publica-se, este mês, excepcionalmente, com oito páginas.

A acumulação de original obrigou-nos a adaptar esse recurso, que aliás nos acarreta um encargo superior ao que estava previsto. Aceitamos o sacrifício em homenagem à índole do Suplemento, e porque dessa forma ainda encontramos motivo para exaltar a grandeza de Fátima e da Santíssima Virgem.

Fascículo n.º 10

Os nossos Assinantes não-ter estranhado porventura, o atraso na distribuição do fascículo n.º 10 da nossa Obra.

Se houve alguém a quem esse atraso contristou, esse alguém foi «Occidental Editora». Contristou-nos pelos assinantes, a quem muito estimamos—e pelos embaraços que nos causou, e não foram poucos.

Mas o facto que motivou o atraso é daqueles que se não podem prever — nem evitar. O autor do trabalho incluído nesse fascículo, o distinto crítico de arte sr. Reis-Santos, foi inesperadamente acometido de doença, sendo forçado, por isso, a recolher ao leito. Daí a demora na confecção do fascículo.

Sentindo profundamente a enfermidade do nosso ilustre colaborador e director artístico da nossa Obra, fazemos votos sinceros pelo seu pronto restabelecimento, a fim de que possamos, com a ajuda de Deus, regularizar, no prazo previsto, a distribuição do fascículo seguinte, o n.º 11.

Recepção apoteótica

Um telegrama de Paranaíba (Brasil), recebido em Lisboa em 5 de Novembro, descreve como verdadeiramente apoteótica a recepção feita naquela cidade à Imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima.

A cerimónia—diz a notícia—mobilizou toda a população da cidade. Mais de 50.000 pessoas acompanharam, do aeroporto ao centro da cidade numa distância de mais de cinco quilómetros, o andar com a imagem da Virgem.

Dois bispos — o de Teresina, D. Severino; e o de Paranaíba, D. Filipe Pacheco — tomaram parte no monumental cortejo, que constituiu acontecimento como a cidade não presenciara nunca.

Todas as casas foram expressamente caiadas com cores vivas, e milhares de inscrições

de boas vindas à veneranda Imagem esmaltavam as fachadas dos edificios, de cujas varandas e janelas pendiam preciosas colchas e colgaduras.

Do interior, do Maranhão e do Ceará, deslocaram-se expressamente a Paranaíba, utilizando todos os meios possíveis de transporte, e à custa Deus sabe de que dificuldades e sacrificios, mais de oito mil peregrinos.

Pelo povo local, foi oferecido à Virgem, como demonstração de dedicação e de Fé, um coração de ouro pesando 500 gramas, com 17 brilhantes cravejados em forma de cruz, e tendo como dedicatória esta filial inscrição:

«À Virgem peregrina seus filhos devotos».

A jóia foi avaliada em cerca de 300 contos.

Eis o relato de mais um

dos passos da Rainha do Céu pelos caminhos da Terra, atestando como as multidões se congregam ao longo

dos caminhos da Virgem na Sua gloriosa jornada. Por onde Ela passa, acontece alguma coisa de Fátima. E Fátima espalha-se, avassalando a Terra inteira e tomando-se verdadeiramente o Altar do Mundo.

Por isso a história de Fátima é mais do que a crónica de um acontecimento local; é mais do que o relato dum acontecimento de carácter nacional. É, sem dúvida, o maior e mais belo capítulo da História do Mundo dos nossos dias. À medida que Fátima se foi tornando Altar do Mundo, passou a História Contemporânea a deixar de ter sentido para quem não conheça e não medite, em seu espírito e em seu coração, a maravilhoso História de Fátima.



Pequena história

dum ramo de Azinheira

Julgamos não dar novidade dizendo que numa exposição de flores é acontecimento banal, geralmente sem interesse para além dos limites da localidade onde aconteceu.

Em verdade, o assunto não merece mais que a vulgar notícia de duas linhas no jornal da terra. E então, quando o sucesso se passa longe de nós, menos diz ele ainda à nossa curiosidade. Mas sabendo, embora, que normalmente é assim, aqui estamos hoje a falar de uma exposição de flores. Esta realizada bem longe de nós, na longínqua cidade de S. Francisco.

É evidente que o caso não mereceria comentário nem sequer dele teríamos conhecimento, se não se desse a circunstância especial de lhe estar ligado o nome do nosso país. Mesmo assim, ainda continuaríamos a ignorá-lo, se não fora a qualidade da nossa representação: Na exposição da Flor de S. Francisco, a que os seus organizadores deram carácter internacional, a flor representativa do nosso país, a flor deste «jardim à beira-mar plantado» era... um ramo de azinheira! Mas o que ainda nos parece de mais curioso nesta revelação, é saber-se

(Continua na página seguinte)

tugal — Terra de Nossa Senhora de Fátima — este Embaixador Poeta que em boa hora nos enviou a terra brasileira, a demonstrar-nos eloquentemente como em Terras de Santa Cruz frutificaram a crença e as obras daqueles portugueses de antanho que do Tejo partiram a semear a lei de Deus e o Nome de Sua Mãe por todos os cantos da Terra.

CREDENCIAIS

os brasileiros, conhecemos muito bem o novo Embaixador. Conhecemo-lo dos seus livros, onde o fulgor do talento surge sempre temperado pela presença do coração, e conhecemo-lo através de mil pormenores duma vida pública em que sempre um carinhoso amor a Portugal toma o lugar ao lado do seu orgulho de brasileiro. Mas o vasto mundo — o mundo culto dos vários continentes, conhece também Olegário Mariano: ele é um valor universal na literatura contemporânea, e a sua voz é das que cantam ainda, num mundo torturado, porque há nela Fé, Esperança e Amor.

Queremos porém frizar aqui especialmente um grande gesto de Olegário Mariano ao chegar a Portu-

gal — um gesto que é simultaneamente uma atitude de Fé e uma Lição do mais salutar efeito.

Trata-se do seguinte:

Entregues solenemente ao Chefe do Estado Português, no Palácio de Belém, as suas cartas credenciais de Embaixador do Brasil, Olegário Mariano não foi ao Palácio da sua embaixada dar início à sua vida oficial. Não. Antes de praticar qualquer acto oficial no seu novo cargo dirigiu-se a Fátima como a entregar a Nossa Senhora, Padroeira e Rainha de Portugal, as suas credenciais de católico e representante do país do mundo que maior número de católicos conta entre a sua população!

É verdadeiramente o Embaixador do Brasil em Por-



Chegou a Lisboa o novo Embaixador do Brasil. Como sempre, a República irmã de Além — Atlântico procurou entre os mais ilustres e mais representativos dos seus nomes públicos aquele que haveria de enviar a Lisboa para continuar a convivência dos dois países, no velho solar lusitano. E, como sempre também, foi sumamente feliz na escolha: enviou para Portugal o poeta Olegário Mariano.

Nós, os portugueses, como

Para a expansão de «Fátima Altar do Mundo»

O apelo que fizemos não se perdeu. Cimegámos já a receber indicações para novas assinaturas, o que quer dizer que a semente caiu em terreno fecundo e há-de produzir óptimos frutos. Esperamos continuar a verificar que outros valores positivos sigam esse caminho, a fim de que a nossa Obra tenha a projecção que o seu carácter histórico-religioso lhe assinala, como trabalho incomparável de fé, de esperança e de exaltação.

Passamos, assim, com o maior prazer a enunciar os nomes de muitos dos nossos queridos Assinantes que nos enviaram já novas inscrições.

Sua Alteza a Infanta D. Filipa de Bragança; Rev.º Padre Provincial da Companhia de Jesus; Eng.º Augusto de Sousa Raposo; Mário Nunes; Major Luís Estorninho Neves; António dos Santos Pereira; Fernando Ribeiro Gonçalves; Jorge Manuel Delgado de Avila; Carlos Artur Frazão; Rev.ª Madre Catarina J. Ch. d'Ornellas; D. Maria Alice Galvão Teles; D. Aida Ferreira de Sá Abranches; Doutor Paiva Bóleo; D. Margarida Salema Manuel Dias; D. Maria Gabriela de Sousa e Silva; D. Tamy de Vilhena; Miguel Burnay; D. Maria de Alegria; José Alexandre C. Ribeiro Lopes; D. Francisco de Melo e Castro; D. Stela Fer-

nuel Patrão; João Fernando Croner; Francisco Luís Ribeiro; Silvério Vicent; Tenente-Coronel Helder Martins; Álvaro de Almada; D. Conceição Fonseca Mota; António Fernandes — todos de Lisboa.

Laurindo Mendes; D. Maria nanda Coelho; Rev.º Padre Ma-La-Salette B. H. V. Barbosa; D. Maria Justina Sampaio de Carvalho; Laurindo António Miran-

PLANO DA OBRA

«Fátima-Altar do Mundo»

(Continuação da 3.ª página)

que prometemos e vamos escrupulosamente cumprir. O que não podemos é sacrificar à impaciência de alguns o alto interesse de todos, que é possuir uma obra COMPLETA sobre Fátima.

Um pouco, pois, de paciência, e lá chegaremos. Estamos realmente prestes a entrar na parte de mais vivo interesse. Mas, em qualquer caso, o plano da obra tem que ser rigorosa e honestamente cumprido. No fim, os próprios impacientes no-lo agradecerão.

da; D. Silvia Romariz; Fernando Vitorino de Sousa; Mário Cândido de Moraes Soares; Domingos Ferreira dos Santos Júnior; Joaquim Augusto Cambraia; Constantino Teixeira da Rocha; D. Maria Lopes de Almeida; Júlio Pedro Matos de Araújo; José Pinto de Mesquita; Joaquim Pereira Carrapa — todos do Porto.

Rev.º Padre José Maria Valente Rebelo, Santo Tirso; D. Tereza Martins Costa; D. Natália de Mello Menezes, Braga; D. Margarita Ponty Oliva, Gouveia; Pedro Luís de Resende, Espinho; Instituto Vaz Serra, Sernache do Bonjardim; Doutor Alberto Franco Falção, Castelo Branco; Rev.º Padre Joaquim da Costa Correia, Moura; Luís Henriques Pires Tavares, Aveiro; Américo Augusto de Abreu, V. N. de Gaia; Rev.º Padre Fernando Campos da Silva, Santarém; D. Ilda T. P. de Gouveia, Funchal; José Pires Ferreira; Humberto Pina Marques Leal; Rev.º Padre Alfredo Saraiva C. Amaral — todos de Coimbra.

Doutor Inácio Reis Lopes, Figueira da Foz; Mário da C. Ferreira Teixeira Rebelo, Nelas; D. Beatriz G. Ferreira da Costa, Joane-Famalicao; Manuel de Jesus Silva Mendes, Arronches; José João da Mata, Montemor-o-Novo; D. Isabel de Mello d'Almada, Cascais; Rev.º Padre Manuel Rodrigues, Fundada; Antero Bonifácio Gomes, Funchal; António Domingos Faria, Óbidos; José Carlos Brandão Miranda, Beiriz; D. Maria Estela D. C. Carvalho, V. N. Famalicao; Edmundo Antunes Fanhais, Entroncamento; D. Helena Moreira de Sousa, V. N. de Gaia; Carlos Pinho Ribeiro, Caldas de S. Jorge; Rev.º Padre António J. Teixeira Sampaio, Favaio; Rev.º P.º Simão Botelho, Resende; D. Maria Amélia Alves Silva, Ermesinde; Manuel António Simões Seguro, Pedrógão-Grande; D. Rita Gama de Moraes, Ponte do Lima; Joaquim Rodrigues Malta, V. Franca de Xira, Doutor Mário Lobo, Marco de Canavezes; Luís Gonzaga Borges Pires, Castelo Branco; Carlos Teles Rodrigues, Chaves; Amadeu Pedrosa Ruz, Loulé; Rev.º Padre Júlio Bigotte, Seia; Gabriel Victor Bernard, Queluz; Luís da Costa, Alcobaça; Rev.º Padre João Nepomuceno de Almeida, S. Pedro do Sul; Manuel da Estrela Azevedo, Castelo de Vide; António da Silva Cruz, Nogueira da Maia; José Ferros, Viana do Castelo; Doutor Manuel Rodrigues Paisana, Proença-a-Nova; António J. Machado Duarte, Melgaço; D. Joaquina

Augusta de Queirós Neto, Carviçais; Manuel António Marchã, Campo Maior; José Maria Dias, Vendas-Novas; Rev.º Padre António da Cunha, V. N. de Ourém; Fernando Martins Soares, S. Pedro do Sul; Fernando Soares Correia, Cadaval; António da Costa Mendes, Nelas; D. Maria Ester Pereira, V. N. de Ourém; D. Octávia Martins, Oliveira do Hospital; Joaquim Leão Ferreira de Almeida, S. Pedro do Sul; Rev.º Padre António Carvalhais, Mira; José Pereira Dias, Leça da Palmeira; D. Beatriz Nóbrega, Vila do Conde; Álvaro Duarte Ferreira de Brito, Leiria; Fernando Ribeiro de Abreu, Pevidém; Ismael Teixeira, Paço d'Arcos; D. João F. de Castro, Faro; António Alves de Oliveira Dias, Guimarães; José Ferreira de Sousa, Setúbal; António Matos Carvalho Laranjeira, Castro d'Aire; Rev.º Padre José da Silva Lolo, S. Bartolomeu de Messines; Rev.º Padre José Gama, Freixo de Espada à Cinta; António Medeiros Simas, S. Miguel; D. Inês Reny, Castelo da Maia; Adriano Horta Vale, Tondela; Rev.º Padre Eugénio Gonçalves Campos, Chamoin; Belarmino Coutinho Rodrigues, Barcelos; Ângelo P. C. Monteiro, Alcochete; Rev.º Padre Acácio Alfredo, Macedo de Cavaleiros; D. Palmira Figueira, Oliveira do Hospital; D. Maria J. M. Alçada, Covilhã.

UMA OBRA — UM OBJECTIVO

(Continuação da 1.ª página)

que terminamos: com Esperança no espírito de compreensão dos Assinantes, que não deixarão de corresponder ao nosso apelo: e com Fé em Deus e na Virgem, que depois de escolher terra portuguesa para nela entregar aos homens a Sua mensagem, há-de amparar e proteger os nossos passos neste empreendimento de levar a todos os lares a História da Sua visita a Portugal e o livro da Sua mensagem ao mundo.

Pequena história dum ramo de azinheira

(Continuação da 4.ª página)

a causa da presença ali desse ramo de azinheira.

Mas contemos a pequena história, que tocou fundo a nossa sensibilidade.

Quase nas vésperas da abertura da citada exposição, foi o Cônsul de Portugal em S. Francisco procurado por algumas senhoras da organização «Native Daughters of the Golden West». Iam fazer-lhe um pedido, no qual, disseram, punham o mais vivo empenho. Solicitavam ao representante do governo português que fizesse tudo, tudo o que estivesse ao seu alcance para que um ramo de azinheira colhido no Santuário de Fátima figurasse na Exposição.

Explicavam e defendiam o seu desejo dizendo que ele tinha já o patrocínio do Sr. Arcebispo de S. Francisco. E era verdade. A ideia deve ter impressionado o nosso representante naquela

cidade americana, que se apresou a transmitir esse pedido ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Este, por sua vez, transmitiu-o ao Secretário Nacional de Informação, que transformou em realidade as aspirações daquelas senhoras americanas. Um funcionário deste organismo estabeleceu ligação com o Santuário de Fátima. Nesse mesmo dia era colhido na Cova da Iria um ramo de Azinheira, que, horas depois e por amabilidade do T. W., seguia de avião para a longínqua Califórnia. Foi assim que o nosso país esteve presente na Exposição Internacional da Flor de S. Francisco.

Na sua tocante simplicidade, o episódio é bem significativo da projecção mundial do nome de Fátima. Sinceramente con^h fessamos que ele nos comoveu. E por que nos comoveu, o registamos.

CRUZADA NACIONAL

Cruzada Nacional

As palavras de compreensão, de apoio e de incitamento que de toda a parte nos chegam, garantem que «caminhamos», e pelo bom caminho. Eis alguns passos, respigados da imensa correspondência chegada aos nossos escritórios, que desejamos oferecer à meditação daqueles a cujas mãos vá parar o nosso suplemento. Há, de facto, nestas palavras e nestas atitudes, um espírito de Cruzada Nacional, a alastrar de ponta a ponta do país, e para além do país — ao Ultramar e ao estrangeiro. Melhor e mais eloquentemente do que nós, falam os nossos correspondentes.

Um Frade Capuchinho escreve do Brasil

De Metrópolis, Estado de S. Paulo, Brasil, chegou-nos uma carta interessantíssima, assinada por um capuchinho, Frei Bernardino Vilas Boas, toda ela repassada dum fervor apostólico e missionário de intensa devoção pela Virgem do Rosário de Fátima.

O respeitável religioso depois de nos dizer: «Tenho vivo interes-

se de possuir a edição em fascículos de «Fátima — Altar do Mundo» — acrescenta como a explicar as suas palavras:

«Ando aqui por este Brasil imenso com uma Imagem de Fátima Peregrina e Missionária que me foi oferecida em Portugal onde estive em trabalhos de perfeição por cinco anos. Fazemos agora principalmente o trabalho de respigadores naquelas cidades, e são muitas e muitas, que não puderam ser contempladas com a milagrosa visita da Peregrina do Mundo. Tivemos curas milagrosas e milhares de milagres de conversão. Continuaremos se a Virgem Bendita nos suportar em sua companhia.»

Completando a missiva pedenos que lhe remetamos com urgência 10 exemplares do primeiro fascículo e 10 do segundo.

Vai Frei Bernardino Vilas Boas receber os fascículos que pede, e de que deseja ser assinante, pois é ele mesmo que declara: «O que não posso dispensar é a remessa do meu pedido». Ele não dispensa a nossa Obra, porque compreende, sente quanto ela exalta, como documento impercível a grandeza histórica e religiosa da Aparição de Fátima; e porque assinar «Fátima — Altar do Mundo» é ainda afirmar uma consciente e vivida devoção à Virgem do Rosário.

Ouçamos Cabo Verde

«Como vêem, a gente destas terras também é capaz de se entusiasmar por uma ideia boa. Vão mais estas assinaturas, e ainda conto arranjar mais uma ou outra (junta uma lista de mais onze assinantes!) Oxalá que o êxito seja pleno, para Nossa Senhora de Fátima ser glorificada e a nossa Pátria honrada.»

P.e Francisco Alves do Rego
Pároco da freguesia de N.º S.º da Graça — Praias (Cabo Verde)

RESPOSTA: Com preciosos auxiliares como este virtuoso sacerdote, e com o amparo moral de tão carinhosas palavras, há-de o êxito, sem dúvida, ser pleno! Um tal auxílio e tais palavras são mais do que um melo de que se serve a própria Senhora de Fátima, para amparar e fazer triunfar esta Cruzada Nacional com que pretendemos servi-la.

Sem comentários

«Peço-vos que me ponham em dia com os números saídos desta GRANDE E UTILÍSSIMA OBRA que todos os portugueses deviam assinar, ler, meditar e possuir.

a) Mário Rodrigues Nunes
R. Rodrigues Sampaio, 19-3.º A LISBOA

Um correspondente de Leiria

O Sr. JOAQUIM LOPES RIBEIRO, Director da Obra do Imaculado Coração de Maria (Moinhos, Baros-Leiria) diz-nos em carta, referindo-se ao nosso Suplemento:

«Muito agradecemos este vosso serviço, que é bom e preciso. Continuai, pedimo-vos.»

RESPOSTA: confiamos em Deus, e na Virgem para crer que não só continuaremos, como poderemos fazer mais e melhor. Com Fé e trabalho, pode-se muito na vida.

Quanto às sugestões que nos faz este correspondente na sua carta, considerámo-las oportunas e perfeitamente justificadas. Simplesmente, duvidamos que elas caibam inteiramente no plano geral da Obra, que, como se sabe, não podemos nem devemos alterar. Veremos, em todo o caso, até que ponto os autores do texto da parte referente às Aparições, poderão ainda tomar essas sugestões em linha de conta, sem fugirem ao plano geral. Até onde for possível, serão atendidos.

E muitos gratos nos confessamos pela gentileza de nos terem sido feitas.

A voz dos Açores

«Estou muito satisfeito com a obra FATIMA-ALTAR DO MUNDO, bem como todos os meus assinantes.

Creia-me muito reconhecido e grato

P.e Júlio da Rosa
Augustias, Horta, Faial (Açores)

NOVOS ASSINANTES

Felizmente, consoladoramente a afluência de novos assinantes continua. Uns directamente enviados pelos interessados, outros remetidos por antigos assinantes em resposta ao nosso apelo, novos pedidos de assinatura vão diariamente chegando aos nossos escritórios. Aos antigos assinantes que assim se dignam corresponder generosa e cristãmente à nossa solicitação, apresentamos os protestos do melhor agradecimento: que a Virgem lhes pague!

E, porque o espaço escasseia, apenas publicaremos, por hoje o nome dos seguintes novos assinantes, que quiseram integrar-se na grande Cruzada Nacional:

Augusto Barreto de Carvalho, Secretário de Administração do Concelho de Santa Catarina; D. Ida da Conceição Borja Santos dos Reis Borges, Professora oficial; Inocêncio Tavares Andrade, Empregado comercial; Tito Lívio da Cruz Esteves, José Joaquim Brandão Calhau, Engenheiro; António Bento, Comerciante; Grasette Altino de Melo Nobre Teixeira Alves, Escriturário dos C. T. T.; Dr. José Augusto Lourenço Caseiro, Médico do Quadro do Ultramar; Álvaro Leitão da Graça, Industrial; João Modesto, Funcionário Público; D. Maria Zeferina Delgado Lima, Doméstica; Horácio Madureira dos Santos, Coronel do E. M. E. — Lisboa; António Filipe Barata, Procurador do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa; Alfredo Gândara, Jornalista — Lisboa; Major Carlos Marques, da Guarda Nacional Republicana — Lisboa; Theodor Miéltz, Jornalista estrangeiro — Oeiras; D. Odette de Carvalho e Sousa, Diplomata — Cônsul Geral do Brasil em Lisboa; Dr. José Formosinho Sanchez, Médico Director do Sanatório da Ajuda — Lisboa; Dr. Theodor Sautter, Legação da Alemanha — Lisboa; José Maria Espírito Santo Silva, Banqueiro — Lisboa; Mário Ernesto Pereira Faro, Desenhador — Algueirão; Luís Filipe Nunes Godinho, Oficial Miliciano — Lisboa; João da Silva Veiga, Farmacêutico — Algueirão; D. Eugénia Pereira da Cruz Modista — Lisboa; D. Maria da Piedade Simões, Professora — Lisboa; Tenente Coronel Helder Martins, Lisboa; M. Chavais, Funcionário Superior do B. P. do A. — Lisboa; António Franco, Agente de Navegação — Lisboa; Capitão-Tenente Fernando Barros, Oficial da Armada — Lisboa; Padre José Ramos, Prior de Caria — Beira Baixa; Dr. Arménio Barata Salgueiro, Médico — Caria B. B.; João Martinho Júnior, Guarda Livros, Caria B. B.; Dr. Angelo César, Advogado, Porto; Américo de Castro Almeida, Comerciante — Matosinhos; Dr. António Cobeira, Professor do Liceu — Porto; Carlos Alberto Godinho, Oficial da P. S. P. — Lisboa; Dr. Eurico Serra, Lisboa; Dr. João Ruela Ramos; D. Lucinda d'Anunciação de Jesus Perfeito Cerveiro, Enferm. — Porto; D. Maria José Felisbela de Andrade, Professora Oficial — Funchal — Madeira; João Pereira Ferreira, Engenheiro — Coimbra; Carlos Nicolau Pestana, Chefe da Secretaria Judicial — S. Jorge — Açores.

IMPRESSA

É de justiça e de boa educação agradecer a quem no-las diz as palavras de apreço e de incitamento que recebemos. Aqui deixamos, pois, exarado o nosso reconhecimento a quantos, especialmente na imprensa, se nos têm referido, pois não houve uma referência, entre tantas e tantas que têm sido feitas à Obra «FÁTIMA-ALTAR DO MUNDO», que não fosse de apreço, de simpatia e de incitamento. Dos grandes diários às revistas e aos pequenos semanários, em toda a parte a publicação tem sido apreciada em termos que nos desvanecem e nos obrigam a redobrar de esforços para deles não desmerecer. A todos imensamente gratos, escolhemos ao acaso um exemplo e tomamos a liberdade de transcrever do «Diário de Notícias»;

Os escritores que se incumbiram da redacção desta magnífica obra estão-na redigindo, devemos dizê-lo, com a elevação e o brilho que o tema exige. E continuam produzindo um trabalho digno de

especial relevo. Ficamos, assim, possuindo um estudo muito completo sobre Fátima, que mereceria ser traduzido em outras línguas, tal a universalidade que o assunto hoje conquistou e o valor da obra, tanto sob o ponto de vista religioso, como artístico e literário. Nos últimos fascículos que recebemos figuram os capítulos consagrados a «Nossa Senhora e os prosadores arcaicos», aos quinhentistas e árcades e à presença de Maria em todo o Império Português. No capítulo III trata-se da Enciclopédia e da Arcádia até aos românticos, e no IV do Romantismo até aos nossos dias, com referências aos escritores modernos portugueses e brasileiros, e várias transcrições das suas obras. A publicação continua a ser valorizada com a reprodução de muitos dos melhores quadros de pintores célebres e de lindas esculturas, existentes em museus e igrejas nacionais e alusivos a assuntos religiosos. «Fátima, Altar do Mundo» é, assim, uma obra de fé, de história, de cultura e de arte, e constitui um magnífico repositório de valiosos conhecimentos e de esplêndidas ilustrações, que formarão um rico volume quando se encontrar completa e que, pelos motivos referidos, está certamente destinada a uma rápida e merecida vulgarização.



Um dos caminhos que vão dar a Roma...

Sim. É verdade que todos os caminhos vão dar a Roma... Mas é verdade também que nem todos esses caminhos são iguais. Há os caminhos longos e curtos; os que são directos e os que dão grandes curvas... os caminhos fáceis e os que se tornam difíceis. Ora um dos melhores caminhos, um caminho fácil para ir a Roma está ao alcance dos assinantes da obra «Fátima-Altar do Mundo». Para o encontrar, para entrar com o pé direito nesse bom caminho, mais não é preciso do que seguir o nosso sorteio, já anunciado no número anterior deste Suplemento e que terá como prémio uma viagem à Cidade Eterna, prémio com o qual, acentuamos, serão contemplados dois assinantes da referida obra.

Acréscete-se que essa viagem compreenderá, além das passagens, todas as despesas de estadia ali durante um mínimo de tempo considerado indispensável para que os visitantes possam ver e admirar o muito que há para ser visto e admirado na grande urbe.

Estamos certos que esta nova iniciativa da OCIDENTAL EDITORA, encontrará da parte de todos os nossos assinantes o melhor acolhimento e perfeita compreensão do seu verdadeiro objectivo: proporcionar através da obra «Fátima-Altar do Mundo» uma viagem agradável à cidade de Roma, capital da cristandade.

Publicamos a seguir o regulamento do Sorteio respeitante à viagem, pela leitura do qual os nossos assinantes ficarão devidamente informados sobre as condições do mesmo.

Diremos simplesmente, como no próprio regulamento se encontra, que o Sorteio, superiormente autorizado, ao contrário do que dissemos, se efectuará em 15 de Janeiro e não em Novembro como primitivamente julgáramos poder efectuar-se.

O assinante premiado nos dirá, a seu gosto, a data da viagem. Segue o Regulamento.

Regulamento do Sorteio

1) Os Fascículos enviados em Dezembro aos nossos Assinantes levam a capa numerada e rubri-

ANTOLOGIA



Avé Maria

Ó Virgem-Mãe de Fátima! Soubesse
O mundo quanta dor me há-de salvar!
Soubesse ele! Ai! Se o mundo mau soubesse
O pântano que inspira a minha prece
Quando ajoelho aos pés do teu altar!
Soubesse ele a desgraça e a formosura
Das almas por quem rezo de mãos postas!
Quantos ladrões com número nas costas
É quanta chaga fétida, sem cura!
Quantos crédulos jovens de olhos baços!
Quanta candura de palavra rude.
Quantos triunfos de baldados passos!
É quanta vida, eterna de ataúde!
Soubesse ele! Ah! Talvez que, então, mandasse
Exércitos de encontro à minha estrada...
Soubesse ele! Mas não. Não sabe nada.
Ó Virgem-Mãe de Fátima cercada
Por quem não pode macular-te a face!

PEDRO HOMEM DE MELO.

POSTAIS

Resposta sem franquia

- Se é devoto de N.ª S.ª Fátima;
- Se entende que a nossa Cruzada é alguma coisa de elevado;
- Se acha que o trabalho que estamos produzindo é digno do alto objectivo que temos em vista;

Colabore connosco

enviando-nos um nome dum novo assinante num postal «Resposta sem Franquia». COLABORE NA DIFUSÃO DA MENSAGEM DE FÁTIMA ATRAVÉS DO MUNDO INTEIRO.



DEPOIMENTOS

Fala o Episcopado

Nesta secção continuamos arquivando o que da obra «Fátima — Altar do Mundo» se dignaram dizer entidades oficiais ou particulares, cujas palavras, pela categoria e pelas responsabilidades dos seus autores, possam constituir fidedigno testemunho de valor.

Hoje, temos a honra de transcrever duma carta de S. Ex.ª Rev.ª o Arcebispo — Bispo de Coimbra, D. Ernesto de Sena Oliveira, os seguintes desvanecedores períodos, que oferecemos à consideração dos nossos leitores:

«Desculpe que tam tarde agradeça a estimada carta de 22 de Junho p. p.

...O que pude ver de corrida deixou no meu espirito e até nos meus olhos as melhores impressões, já pela elevação dos trabalhos publicados, já pelo magnífico aspecto gráfico com que se apresenta, parecendo-me ser em tudo uma obra digna do extraordinário acontecimento que pretende focar.

Que essa Empresa possa levar a cabo a sua bela iniciativa com pleno êxito são os vivos votos do

(† ERNESTO ARCEBISPO — BISPO DE COIMBRA).